

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/01/2014 a 31/01/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
ETANOL	4
BNDES prevê reduzir em 13% financiamento ao setor de cana em 2014. Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Notícias. 07/01/2014	4
Cosan analisa planos do governo para investir em logística. Leonardo Goy – O Estado de São Paulo, Notícias. 08/01/2014.....	5
Petrobrás volta a negar aumento dos combustíveis – O Estado de São Paulo, Economia. 16/01/2014	6
Copersucar volta a exportar açúcar 'novo'. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/01/2014	6
Novozymes diz que biocombustíveis vão impulsionar crescimento. Stine Jacobsen e Ole Mikkelsen – O Estado de São Paulo, Economia. 21/01/2014.....	7
BP Biocombustíveis fará aumento de capital de R\$ 415 milhões. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/01/2014	7
Usinas de cana do Bertin buscam caixa para continuar operação. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/01/2014	8
Quarta usina de cana da Odebrecht recebe certificação Bonsucro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/01/2014	8
Etanol ainda perde participação. Ediane Tiago – Valor Econômico, Agronegócios. 30/01/2014.....	9
BIODIESEL	10
Repulsa aos sócios. Celso Ming – O Estado de São Paulo, Economia. 02/01/2014	10
POLÍTICA NACIONAL	11
ETANOL	11
Subvenção da cana-de-açúcar continua a ser paga este ano. Raimundo Estevam – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 07/01/2014	11
Fipe: relação etanol-gasolina tem menor nível desde 2009. Flávio Leonel – O Estado de São Paulo, Economia. 10/01/2014	12
BNDES e Finep preparam programa de inovação agrícola em cana-de-açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/01/2014	13
Etanol segue competitivo em Mato Grosso, Paraná e SP. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 17/01/2014.....	13
Etanol - beco sem saída. Xico Graziano – O Estado de São Paulo, Opinião. 21/01/2014	13

Produção de cana cresce em ritmo menor com menos renovações. Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Notícias. 22/01/2014	15
Área de cana se valorizou menos no ano. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/01/2014	17
BIODIESEL	17
Agricultores familiares goianos recebem capacitação sobre Selo Combustível Social – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 30/01/2014	18
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS	18
ETANOL	19
Bunge vende participação em usina de etanol nos EUA. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 03/01/2014.....	19
Importação de etanol dos EUA irrita a indústria do Nordeste. Murillo Camarotto – Valor Econômico, Agronegócios. 08/01/2014	19
Estoques de etanol dos EUA estão no nível mais alto desde setembro. Cezary Podkul – O Estado de São Paulo, Economia. 08/01/2014	21
Unica envia carta à EPA questionando proposta sobre biocombustíveis. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 29/01/2014.....	21

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

ETANOL

BNDES prevê reduzir em 13% financiamento ao setor de cana em 2014. Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Notícias. 07/01/2014

Os financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para indústria de cana do Brasil deverão cair 13 por cento neste ano, para 6 bilhões de reais, após um salto em 2013, em um momento em que o setor não tem grandes desafios de expansão da área cultivada.

Os desembolsos do banco de fomento para a indústria de cana cresceram 64 por cento em 2013 ante o ano anterior, para 6,9 bilhões de reais, no embalo de investimentos realizados na renovação de canaviais, visando o aumento da produtividade após safras frustrantes, e em maquinários para o campo.

"Em 2014 imaginamos que devemos desembolsar 6 bilhões de reais, dentro dos patamares de desembolso do setor nos últimos anos. 2013 é que foi um ano muito bom, 2014 vai ser um ano bom, é ainda um nível muito importante", disse à Reuters nesta terça-feira o gerente do Departamento de Biocombustíveis (Debio) do BNDES, Artur Yabe.

Historicamente, o BNDES responde por 40 a 50 por cento dos financiamentos da indústria brasileira de cana, que lidera a produção e exportação global de açúcar e está em segundo na produção de etanol, atrás apenas dos Estados Unidos.

Do total desembolsado no ano passado, 2,1 bilhões de reais foram aplicados na área agrícola, quase o dobro do registrado em 2012.

Os investimentos no campo foram realizados com o apoio do governo --preocupado com fraco crescimento da produção de etanol em 2012--, com o objetivo de reduzir a capacidade ociosa da indústria de cerca de 30 por cento em anos recentes.

Com os investimentos em canaviais, essa ociosidade já não existe mais.

"Então essa demanda por investimento em novos canaviais, ou renovação, esse desafio já não se coloca da mesma forma, à medida que a capacidade (industrial) já se esgotou. Agora o desafio passa do setor agrícola para o industrial, à medida que atingimos a capacidade instalada", disse Yabe.

Segundo ele, o setor agora só eleva a produção de etanol e açúcar por meio de "greenfields" (unidades industriais novas) ou pela expansão de usinas existentes.

Para 2014, investimentos em novas unidades estão restritos, uma vez que o setor ainda não está convencido das condições de rentabilidade para novas indústrias. As maiores preocupações são com os preços controlados da gasolina, que impõem um teto para os valores do etanol (combustível concorrente no Brasil); a grande oferta de açúcar no

mundo; além de desafios tecnológicos, como a obtenção de variedades de cana mais produtivas e a produção do etanol de segunda geração, a partir da biomassa da cana.

Além dos investimentos no campo, o BNDES desembolsou 2,6 bilhões de reais para a indústria de açúcar em 2013, mais que o dobro do verificado em 2012. Para a área de etanol, os financiamentos cresceram 66 por cento ante o ano anterior, para 2 bilhões de reais. Os desembolsos para a área de cogeração de energia de biomassa, contudo, caíram para 200 milhões de reais no ano passado, ante 700 milhões de reais registrados em 2012.

Na avaliação de Yabe, os investimentos devem continuar ocorrendo na expansão da capacidade industrial de unidades existentes, com o objetivo de ampliar o "mix" de produtos das empresas, para que elas tenham mais flexibilidade de produção de açúcar, etanol anidro (misturado à gasolina) ou hidratado e menor exposição ao risco.

Cosan analisa planos do governo para investir em logística. Leonardo Goy – O Estado de São Paulo, Notícias. 08/01/2014

A Cosan, uma empresa de infraestrutura e do setor de energia, está analisando os planos do governo para os investimentos em logística no Brasil com o objetivo de montar seu planejamento estratégico, disse nesta quarta-feira o presidente do Conselho de Administração da companhia, Rubens Ometto.

"Estamos levantando os dados para montar nosso planejamento estratégico, mas, sem sombra de dúvida, é um negócio interessante", disse ele a jornalistas, após reunião com o ministro dos Transportes, César Borges.

Ometto disse que a empresa ainda não definiu como será sua participação, mas afirmou que a empresa não atuará como concessionária de ferrovias.

Pelo modelo desenhado pelo governo, as empresas que vencerem as concessões dos leilões de ferrovias vão revender a capacidade de carga das linhas para o governo, que a revenderá para usuárias e operadores interessados.

Questionado se a Cosan seria compradora de capacidade de cargas das ferrovias, Ometto disse que não iria adiantar essa discussão e ressaltou que a empresa ainda está colhendo dados para montar seu planejamento.

Além da conversa com Borges, Ometto reuniu-se também nesta quarta-feira com a presidente Dilma Rousseff.

Questionado se nas conversas com as autoridades divergências com a ALL foram abordadas, Ometto disse que o assunto não esteve em pauta. A Cosan cobra da ALL o transporte de alguns volumes contratados de açúcar.

A Cosan, com sua joint venture com a Shell em açúcar, etanol e distribuição de combustíveis (a Raízen), é a maior produtora individual dessas commodities no Brasil.

Petrobrás volta a negar aumento dos combustíveis – O Estado de São Paulo, Economia. 16/01/2014

Empresa veio de novo ao mercado para dizer que não há decisão tomada sobre mudanças de preço

SÃO PAULO - A Petrobrás veio novamente ao mercado se pronunciar sobre o suposto reajuste dos preços dos combustíveis. A empresa negando, portanto, reportagem da Folha de S.Paulo que afirmava sobre aumentos marcados para junho.

A estatal enviou resposta a ofício da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) sobre notícias veiculadas na imprensa e reiterou que não há decisão a respeito.

Outro comunicado havia já havia sido feito. "Caso haja alguma informação relevante sobre o tema, comunicará tempestivamente ao mercado, em cumprimento à legislação vigente", diz a nota.

O último reajuste de 4% para a gasolina nas refinarias, anunciado no fim de novembro, chegou ao consumidor em dezembro (4,04%) acima do impacto esperado por analistas (2% a 2,6%) no índice de referência IPCA. Segundo o IBGE, o vilão em dezembro foi o etanol anidro - misturado à gasolina na proporção de 25% - devido à entressafra da cana-de-açúcar.

A discussão sobre a defasagem de preços de combustíveis em relação ao mercado internacional e a nova metodologia de preços devem voltar a fazer parte da pauta da reunião de conselho de administração da estatal, no próximo dia 31.

Copersucar volta a exportar açúcar 'novo'. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/01/2014

A Copersucar, maior trading de açúcar e etanol do mundo, iniciou ontem em seu terminal em Santos (SP) o primeiro carregamento de açúcar "novo". A companhia concluiu o embarque do produto remanescente do incêndio ocorrido em outubro do ano passado no terminal, e agora voltou a receber e exportar novas cargas da commodity.

Em outubro passado, um incêndio de grandes proporções afetou o terminal açucareiro da empresa. Cerca de 180 mil toneladas de açúcar bruto estavam estocados nos três armazéns. A companhia estima que 70% desse volume foi recuperado e exportado.

O presidente do conselho de administração da Copersucar, Luís Roberto Pogetti, informou que na última quarta-feira um navio atracou no terminal para carregar 60 mil toneladas de açúcar bruto com destino a Dubai, nos Emirados Árabes. Esse açúcar está chegando no terminal pelo armazém XXI, que foi inaugurado em meados do ano passado e que também foi afetado pelo sinistro.

Essa estrutura foi adaptada para retomar a operação com capacidade reduzida, até que os outros dois armazéns estejam recuperados. A previsão é que em maio próximo a

operação desse armazém seja suspensa para sua completa reconstrução. Em seu lugar, voltarão a funcionar os outros dois terminais, neste momento em obras.

Nesta safra 2013/14, a Copersucar prevê exportar 7 milhões de toneladas da commodity. Até outubro, 3,8 milhões de toneladas haviam sido embarcadas. As 3,2 milhões de toneladas restantes devem ser exportadas até março deste ano. A maior parte desse volume (2,5 milhões) seguirá por terminais de terceiros e a diferença, 700 mil toneladas, no próprio terminal da trading.

A companhia calculou que, com o incêndio, as perdas ficarão em R\$ 150 milhões. O valor considera os gastos para limpar e reconstruir o terminal e inclui despesas não indenizadas pelo seguro. Para cobrir parte dessa perda, um aumento de capital de R\$ 100 milhões foi aprovado por suas usinas sócias no dia 17 do mês passado.

A ata da assembleia extraordinária de acionistas que aprovou o aumento tornou-se pública ontem. Com a chamada de capital, o capital social da companhia saiu de R\$ 80,3 milhões para R\$ 180,3 milhões, mediante a emissão de 833.333.333 de novas ações ordinárias, subscritas ao valor patrimonial de 31 de outubro de 2013, correspondente a R\$ 0,12 por ação.

Novozymes diz que biocombustíveis vão impulsionar crescimento. Stine Jacobsen e Ole Mikkelsen – O Estado de São Paulo, Economia. 21/01/2014

COPENHAGUE, 21 JAN - A fabricante dinamarquesa de enzimas industriais Novozymes disse que o crescimento de seu lucro vai acelerar neste ano e no próximo, impulsionado pela demanda por biocombustíveis, levando suas ações a uma alta recorde.

A maior fabricante de enzimas usadas em detergentes, bioetanol, alimentos e bebidas registrou lucro em linha com previsões de analistas no quarto trimestre. Ela disse que a maior parte de seu crescimento em 2014 terá origem em bioenergia, embora a produção de etanol nos Estados Unidos tenha permanecido estável no ano passado.

"Ainda temos muita tecnologia a implementar, então ainda é uma área que vai contribuir com alto crescimento", disse à Reuters o vice-presidente financeiro da Novozymes, Benny Loft.

O lucro Ebit (antes de taxas e juros) subiu para 703 milhões de coroas dinamarquesas (128 milhões de dólares) no trimestre de outubro a dezembro ante 671 milhões de coroas um ano antes e contra uma projeção média de analistas de 699 milhões de coroas segundo pesquisa da Reuters.

As ações da Novozymes chegaram a subir 2,6 por cento no pregão desta terça-feira, atingido alta recorde.

BP Biocombustíveis fará aumento de capital de R\$ 415 milhões. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/01/2014

SÃO PAULO - A BP Biocombustíveis, braço sucroalcooleiro da petroleira britânica BP, pretende fazer um aumento de capital de R\$ 415 milhões com a emissão de novas ações.

A companhia convocou uma assembleia geral extraordinária para o dia 31 de janeiro para deliberar o assunto.

A BP está no Brasil em biocombustíveis desde 2008, mas a maior parte de seus investimentos nessa área vem sendo feita desde 2011. A empresa tem três usinas de açúcar e etanol em operação no país.

A empresa informou que o aumento de capital visa financiar seus projetos de investimento já em curso, como a expansão da Usina Tropical (GO), a renovação de canaviais para a safra 2014 e melhorias operacionais.

Usinas de cana do Bertin buscam caixa para continuar operação. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/01/2014

SÃO PAULO - O grupo sucroalcooleiro Infinity Bio-Energy, controlado pelo grupo de energia e infraestrutura Bertin, convocou seus acionistas para uma reunião em 3 de fevereiro para deliberar sobre a necessidade “urgente” de caixa para pagamento de folha e despesas operacionais.

Na convocação, a Infinity, que está em recuperação judicial desde 2009, também informa aos acionistas sobre a necessidade de capitalização da empresa para continuidade das atividades operacionais.

Na reunião, os acionistas também devem decidir pela venda de caminhões pelo valor de R\$ 6 milhões para “qualquer terceiro”, incluindo partes relacionadas, para “pagamento de folha e despesas operacionais críticas”.

A empresa também proporá a mudança da sede social, atualmente na avenida Faria Lima, como medida de contenção de custos.

A Infinity nasceu em 2006 no “boom” do etanol e era liderada pelo executivo Sérgio Thompson-Flores, que não está mais na companhia. Sua recuperação judicial foi aceita pelos credores em dezembro de 2009 e, em março de 2010, o grupo Bertin comprou 70% das ações da empresa.

Quarta usina de cana da Odebrecht recebe certificação Bonsucro. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/01/2014

SÃO PAULO - A Odebrecht Agroindustrial, braço sucroalcooleiro do grupo Odebrecht, informou hoje que a usina Morro Vermelho, localizada em Mineiros (GO), obteve a certificação internacional Bonsucro. A certificação, que atesta práticas sustentáveis na produção sucroalcooleira, abre mercado para exportação dos derivados da cana-de-açúcar para países da União Europeia e da Ásia.

O volume de cana certificado em Morro Vermelho é de mais de 765 mil toneladas, equivalentes a 82 mil litros de etanol.

Esta é a quarta unidade da Odebrecht Agroindustrial a receber a certificação, juntamente com as unidades Rio Claro (GO) e outras duas Unidades em São Paulo — Conquista do Pontal e Alcídia.

Juntas, as quatro usinas totalizam um volume certificado de 3,85 milhões de toneladas de cana.

A Odebrecht Agroindustrial informou que a empresa busca outras certificações para mercados internacionais. Todas as usinas da empresa já concluíram a certificação RFS2 (Renewable Fuel Standard), registro do governo americano emitido pela Agência de Proteção Ambiental americana (EPA, na sigla em inglês), que atesta práticas sustentáveis na produção de etanol e é pré-requisito para exportação do biocombustível para os Estados Unidos.

Etanol ainda perde participação. Ediane Tiago – Valor Econômico, Agronegócios. 30/01/2014

No Brasil, o crescimento da frota não reflete em aumento de demanda pelo etanol, que já vende menos que a gasolina nas bombas. Segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), 10,9 milhões de automóveis foram licenciados no Brasil entre 2010 e 2012. Neste período, as vendas de etanol caíram 20% e as de gasolina cresceram 40%, de acordo com dados a Agência Nacional do Petróleo (ANP).

"Apesar do investimento realizado na produção de etanol, a Petrobras tem de fazer campanha publicitária para motivar o uso do combustível. É um contrassenso", comenta Milad Kalume Neto, gerente da Jato Dynamics do Brasil, empresa de inteligência especializada na indústria automobilística. Ele explica que os brasileiros também são sensíveis aos preços e preferem a gasolina quando está mais barata ou com preço compatível ao do etanol. "Para incentivar o uso, a gasolina tem de ser mais cara que o biocombustível", diz.

Essa solução, no entanto, não é fácil para o país. O preço da gasolina é acompanhado de perto pelo governo, por ser considerado um gatilho para a inflação. A alternativa, na visão de Neto, seria dar mais subsídios ao etanol. Outra questão complicada.

Além de promover o consumo de biocombustíveis, o Brasil caminha para melhorar a qualidade da gasolina e do diesel, tornando-os menos nocivos ao meio ambiente. "Se olharmos para o combustível que temos lá fora e o vendido por aqui, ainda há diferenças importantes na qualidade", destaca.

A Petrobras colocou à disposição do mercado brasileiro, no primeiro dia deste ano, as gasolinas S-50, que possuem teor máximo de enxofre de 50 mg/kg - o que representa uma diminuição de 94% em relação ao teor de enxofre das gasolinas comercializadas no

Brasil. No início do ano passado, a petroleira já tinha lançado uma linha de óleo diesel menos poluente.

Na área dos motores, o Brasil tem a seu favor o fato de os automóveis flex fuel responderem por 88,4% dos licenciamentos realizados, outro caso mundial de sucesso. No Brasil, os veículos flex fuel e os movidos exclusivamente a etanol têm alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) menores, quando comparados aos modelos a gasolina.

A preocupação está no aumento da participação de carros com maior potência. Em 2013, 60% dos carros fabricados no país corresponderam à faixa entre 1000 e 2000 cilindradas. "Com o aumento da renda, os brasileiros estão optando por carros mais potentes, equipados com itens como ar-condicionado. Incrementos como esses significam aumento do consumo de combustível e, conseqüentemente, das emissões", diz Neto.

Segundo ele, a qualidade das unidades produzidas no Brasil ainda precisa melhorar para que os carros fabricados por aqui possam ser comparados em eficiência aos modelos vendidos nos países desenvolvidos. "O programa federal Inovar-Auto é um alento neste sentido."

O regime automotivo prevê benefícios fiscais para as montadoras que investirem em pesquisa e oferecerem carros modernos, com maior qualidade, eficiência energética e menores preços ao mercado. "Quem aderir ao programa, terá de colocar no carro uma etiqueta do InMetro, informando o consumo de combustível e as emissões", exemplifica.

BIODIESEL

Repulsa aos sócios. Celso Ming – O Estado de São Paulo, Economia. 02/01/2014

Nas últimas semanas do ano, a diretoria da Petrobrás fez novo esforço para convencer o mercado financeiro de que adotou o procedimento correto para a recuperação dos preços dos derivados de petróleo.

Mas continua a falta de transparência sobre as regras do jogo. Os subsídios ao consumidor, pagos, em última análise, pelo caixa da Petrobrás, não provocam estrago apenas na capacidade de investimentos e de endividamento da empresa.

Já é fato mais do que conhecido de que a falta de equalização dos preços internos aos externos provoca enormes distorções.

A primeira delas é a já mencionada deterioração das finanças da Petrobrás que pode levá-la a perder o grau de investimento dos seus títulos e, com isso, a ter de pagar juros mais altos nos novos empréstimos.

Outra distorção é a desidratação que provoca em outro setor antes promissor da economia, o dos biocombustíveis, especialmente o do álcool e o do biodiesel. O achatamento dos preços impõe uma competição desleal aos seus produtores e os enfraquece.

Uma terceira distorção tem a ver com a queima excessiva de combustíveis. Preços subsidiados artificializam o consumo e são uma das causas dos exasperantes congestionamentos de trânsito nas grandes cidades brasileiras.

Mas há outra distorção, menos comentada. Trata-se da impossibilidade da Petrobrás em firmar parcerias para a construção de novas refinarias. Só os investimentos na construção da Refinaria do Nordeste (Abreu e Lima), cujo primeiro trem de refino deverá ser inaugurado em novembro de 2014, estão orçados em algo entre US\$ 17 bilhões e US\$ 20 bilhões. As refinarias construídas em décadas passadas estão tecnologicamente ultrapassadas e precisam tanto de reformas quanto de aumento da capacidade de produção. Além das duas refinarias em obras, ambas com atrasos, a Petrobrás prevê a construção de mais quatro unidades com capacidade para processar 1,2 milhão de barris de petróleo por dia.

Os investimentos em novas refinarias não cumprem apenas o objetivo de garantir a geração de empregos internos. Em sete anos, a Petrobrás deve dobrar a produção de petróleo e de gás (veja o gráfico). Sem nova capacidade de refino, será obrigada a exportar petróleo bruto e, até 2020, a importar nada menos que 30% dos combustíveis consumidos no Brasil, obviamente a preços mais altos.

A empresa já tem enormes investimentos programados nas áreas do pré-sal e quer sócios para os projetos de refinaria, como demonstrou no empenho em que procurou atrair capitais venezuelanos, que acabaram gorando. Mas, atenção, sem total transparência nas regras de preços dos derivados, não haverá interesse dos sócios em potencial. Nem mesmo governos estaduais se sentirão encorajados a juntar-se à Petrobrás em projeto de construção de refinaria, se depois tiverem de perder preço em consequência de uma política populista, como a adotada hoje pelo governo Dilma.

Isso significa que regras firmes e confiáveis de jogo não são apenas aspiração da diretoria da Petrobrás; são de interesse de Estado.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Subvenção da cana-de-açúcar continua a ser paga este ano. Raimundo Estevam – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 07/01/2014

Produtores de cana e usinas de etanol do Nordeste receberão, em 2014, mais R\$ 109 milhões como subvenção à cana-de-açúcar. A iniciativa tem parceria da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) com o Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento e complementa o total de R\$ 380 milhões estabelecidos pela Medida Provisória 615/13, de 17 de maio.

Os interessados tiveram até o dia 29 de novembro para regularizar a documentação nas sedes das superintendências regionais. Receberão o benefício tanto produtores independentes quanto indústrias produtoras de etanol combustível da safra 2011/2012. Alguns pagamentos começaram a ser feitos pela Companhia ainda em novembro.

Do início do ano a outubro, foram pagos aos dois segmentos cerca de R\$ 234 milhões. Os produtores receberam R\$ 95 milhões e as usinas, R\$ 139 milhões.

A medida beneficia produtores de todos os estados nordestinos, sendo que Alagoas contou, até agora, com o maior volume dos recursos, cerca de R\$ 77,5 milhões.

Fipe: relação etanol-gasolina tem menor nível desde 2009. Flávio Leonel – O Estado de São Paulo, Economia. 10/01/2014

SÃO PAULO - Levantamento distribuído pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) à Agência Estado mostrou que a relação entre o preço médio do etanol e o valor médio da gasolina alcançou o nível de 68,23% na primeira semana de janeiro na capital paulista. A despeito de mostrar um ligeiro aumento ante a marca de 68,00% da última semana de dezembro de 2013, o número apurado representou o menor nível para uma primeira semana do ano desde 2009, quando a relação ficou em 55,65% na semana inicial de janeiro.

Conforme os especialistas, o uso do etanol deixa de ser vantajoso em relação à gasolina quando o preço do derivado da cana-de-açúcar representa mais de 70% do valor da gasolina. A vantagem é calculada considerando que o poder calorífico do motor ao etanol é de 70% do poder dos motores à gasolina.

Na primeira semana de janeiro de 2013, o nível estava em 69,65%. Nos mesmos períodos de 2012, 2011 e 2010, a relação entre etanol e gasolina ficou em 71,58%, 70,06% e 71,06%, respectivamente.

Para o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, Rafael Costa Lima, o recente reajuste nos preços da gasolina explica a maior vantagem atual no uso do etanol, apesar de esta época do ano ter como característica a entressafra da cana-de-açúcar.

Na análise específica sobre o comportamento isolado dos preços dos combustíveis no IPC, o valor médio da gasolina apresentou alta de 2,41% na primeira quadrissemana do mês (últimos 30 dias encerrados em 7 de janeiro) ante avanço de 4,10% no encerramento de dezembro.

Quanto ao etanol, a alta do combustível mudou pouco entre o fim do mês passado e o começo do atual. No levantamento da Fipe por meio do IPC, o valor médio do derivado da cana subiu 5,34% contra avanço anterior de 5,75%.

BNDES e Finep preparam programa de inovação agrícola em cana-de-açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/01/2014

SÃO PAULO - O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) está preparando junto com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) um novo programa de incentivo à inovação no setor sucroalcooleiro. A iniciativa está sendo formatada nos moldes do PAISS (Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico). No entanto, esse novo incentivo será voltado à inovação na área agrícola, informou ao Valor o chefe do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti.

“Queremos estimular o aumento da produtividade agrícola do setor, que está estagnada há muitos anos”, afirmou. Segundo Cavalcanti, os detalhes do novo programa estão sendo finalizados e devem ser apresentados nos próximos meses.

O PAISS foi lançado em 2012 pelo banco de fomento e a Finep e aprovou recursos de R\$ 3 bilhões para projetos inovadores na área etanol celulósico e outras tecnologias que usassem a cana-de-açúcar como matéria-prima.

Entre os projetos aprovados pelo programa estão o da GranBio, pertencente à holding da família Gradin, de produção de etanol celulósico e químicos a partir do bagaço e da palha da cana, e o da Raízen, controlada pela Cosan e pela Shell, que implantará sua primeira unidade de etanol celulósico este ano.

Etanol segue competitivo em Mato Grosso, Paraná e SP. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 17/01/2014

Agência Estado

Pela terceira semana consecutiva, os preços do etanol nos postos de combustíveis são competitivos em relação à gasolina apenas em Mato Grosso, Paraná e São Paulo, mostram dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) referentes à semana encerrada em 17 de janeiro, compilados pelo AE-Taxas. Nos demais 23 Estados brasileiros e no Distrito Federal, a gasolina está mais competitiva.

Segundo o levantamento, o preço do etanol em Mato Grosso equivale a 67,04% do valor da gasolina. No Paraná, a relação está em 68,35% e em São Paulo, em 67,34%. A gasolina está mais vantajosa principalmente no Amapá, onde o etanol custa o equivalente a 89,45% do preço da gasolina.

O preço médio da gasolina em São Paulo está em R\$ 2,823 o litro. Na média da ANP, o preço do etanol no Estado ficou em R\$ 1,901 o litro.

Etanol - beco sem saída. Xico Graziano – O Estado de São Paulo, Opinião. 21/01/2014

Pasmem: o Brasil está importando etanol dos Estados Unidos! O país que inventou o Proálcool, pátria dos veículos flex, o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, anda de marcha à ré no combustível renovável. Primeiro incentivou, depois maltratou sua destilaria, dando prioridade à poluente gasolina. Um vexame internacional.

Navios carregados de álcool anidro norte-americano começaram a descarregar 100 milhões de litros no Porto de Itaqui (Maranhão). É somente o começo, destinado ao abastecimento do Nordeste. No total, as importações serão bem mais volumosas. Para facilitar, o governo Dilma desonerou de impostos (PIS e Cofins) as compras de etanol no exterior, dando um tapa na cara dos produtores nacionais. Surreal.

Há décadas, na agenda planetária os combustíveis renováveis começaram a se impor nos transportes, preliminarmente, por causa do encarecimento do petróleo. Recentemente, com a ameaça do aquecimento global, nações investiram na busca de energias alternativas, ambientalmente vantajosas diante das de origem fóssil. O sonho dos países desenvolvidos, liderados pela Europa, é esverdear sua matriz energética utilizando fontes solares, eólicas ou oriundas da biomassa. Todos avançaram nas energias chamadas limpas. Aqui andamos para trás.

Tudo caminhava bem. Eleito o PT, no seu primeiro mandato o presidente Lula recebeu George W. Bush usando o boné dos usineiros. Interessado em abastecer o crescente mercado dos Estados Unidos, o setor sucroalcooleiro nacional estava animado. O etanol brasileiro, mais competitivo, ganharia o mundo. Nesse contexto vitorioso, as montadoras lançaram, em 2003, os carros flex, dando mais segurança aos consumidores. Em cinco anos a quilometragem rodada por veículos movidos a etanol ultrapassou os a gasolina, trazendo grande vantagem ecológica. Segundo Décio Gazzoni (Embrapa), especialista em agroenergia, as emissões líquidas de CO₂ equivalente causadas pela queima de um litro de etanol somam apenas 400 gramas, ante 2.220 gramas da gasolina. Além da redução do desmatamento na Amazônia, o País também contribuiu para a agenda do clima reduzindo as emissões de CO₂ na atmosfera em razão do efeito substituição da gasolina pelo etanol. Show de bola.

A partir de 2009, surpreendentemente, entramos na contramão da História. Uma trágica concepção da política pública levou o governo Lula a dar prioridade à a gasolina da Petrobrás, em detrimento do álcool combustível. Ninguém sabe explicar ao certo os motivos dessa reversão. Houve, isso é patente, uma contenção artificial dos preços da gasolina, impedindo, por tabela, o etanol de remunerar seus custos de produção. Pode ter segurado a inflação. Mas quebrou a Petrobrás e faliu o setor sucroenergético nacional. Ao invés de dominar o mercado exportador, o Brasil tornou-se importador de etanol. De milho.

Influenciados pelo movimento ambientalista, os norte-americanos, na Califórnia especialmente, decidiram apostar no combustível alternativo. Sua acertada escolha, porém, exigiu uma mudança técnica com relação ao Brasil: utilizar o grão de milho, e não o caldo da cana-de-açúcar, nas destilarias. Por que razão? Acontece que o cultivo da cana-de-açúcar é próprio das regiões tropicais, onde as lavouras permanecem no terreno

por vários anos, sucessivamente colhidas. Nos países temperados, o frio intenso do inverno interrompe o cultivo contínuo dos campos.

Do Golfo do México para cima, geograficamente, as condições climáticas tornam-se restritivas para as espécies vegetais cultivadas de forma "semipermanente", como a cana. Somente sobrevivem ao período gelado as plantas que perdem as folhas sazonalmente, como as frutíferas, por exemplo. Ou certas árvores adaptadas, como os pinheiros. Basta olhar as recentes tempestades de neve nos EUA para verificar a interrupção do ciclo agrícola. Nenhum canavial resistiria àquelas baixas temperaturas.

Sobrou para os gringos triturarem o milho nas destilarias. Colhidas as lavouras e estocados os grãos, o armazenamento permite estender seu consumo meses afora. Montanhas de milho aguardam a hora de ser moídas e fermentadas nas dornas, produzindo o álcool que o mundo adotou como etanol.

Qualquer matéria-prima contendo açúcares ou carboidratos pode sofrer fermentação. Nesse processo químico-biológico, conduzido por bactérias em condições anaeróbicas, o rendimento final é variável. É aqui que o etanol brasileiro vence de goleada seu similar oriundo do milho. Na média, um hectare plantado com cana gera 7.200 litros de etanol; com milho, a mesma área produz 3.100 litros. Essa maior produtividade energética se reflete nos custos e na contabilidade ambiental. Em 2009 a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos divulgou parecer comprovando que o uso do etanol de cana como substituto da gasolina permitiria uma redução de 44% nas emissões de gases-estufa. Com o milho, cairia para apenas 16%. Tudo conspirou a favor do Brasil.

Mas saiu errado. Após um período de forte expansão, com grandes investimentos, chegou a pasmaceira, seguida da quebradeira. Em vez do sucesso, seguiu-se o desânimo. Os carros flex passaram a encher o tanque com gasolina. No interior do País, entre 385 unidades, 100 encontram-se endividadas, praticamente paralisadas ou fecharam as portas. Dezenas de projetos nem saíram do papel. Frustração total.

Lula, em nome do populismo, destruiu uma das maiores invenções brasileira. As importações de etanol de milho do Brasil configuram o maior fracasso mundial de uma política pública na área da energia renovável. Dilma Rousseff, pregressa ministra de Energia, adota discursos contemporizadores. Está, na verdade, num beco sem saída.

**Xico Graziano é agrônomo, foi secretário de Agricultura e secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.*

Produção de cana cresce em ritmo menor com menos renovações. Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Notícias. 22/01/2014

A produção de cana-de-açúcar no centro sul do Brasil crescerá em um ritmo menor na safra 2014/15, devido a menos investimentos na renovação dos canaviais ao longo do último ano, afirmou um especialista nesta quarta-feira.

Nas últimas duas temporadas, o crescimento anual da moagem de cana da principal região produtora do Brasil foi de 7 por cento e de 12 por cento, mas em 14/15 o aumento esperado na safra é de somente 3 por cento, para 618 milhões de toneladas, na medida em que os preços baixos do açúcar no mercado internacional desestimularam investimentos, disse o analista da Safras & Mercado Maurício Lima Muruci.

"É questão de rentabilidade... os preços do açúcar em Nova York estão em queda desde 2011, temos três anos de queda no mercado, isso tira a motivação para investir, esse é o motivo central", afirmou ele, em entrevista à Reuters.

Os preços do açúcar em Nova York caíram abaixo do patamar psicológico de 15 centavos de dólar por libra-peso nesta quarta-feira, com os seguidos excedentes globais no mundo pesando sobre os futuros.

O crescimento esperado para 14/15 na moagem no centro-sul --cuja colheita começa oficialmente em 1o de abril--, ainda que pequeno, é fruto dos investimentos feitos em anos anteriores nos canaviais, muitos deles com apoio do governo, que permitirão ganhos de produtividade.

No primeiro ano de corte, a cana pode render o dobro de uma lavoura de seis anos, quando é aconselhada a renovação do canavial; o rendimento no campo vai caindo à medida que a plantação envelhece.

Segundo Muruci, a produção de açúcar ainda crescerá no centro-sul em 14/15, mas apenas porque a commodity tradicionalmente tem rentabilidade maior que o etanol.

"Mesmo com preços em queda, as usinas acabam produzindo açúcar a contragosto... o açúcar tem um nível de aproveitamento de ATR (Açúcar Total Recuperável da cana) bem maior que o etanol", disse.

Segundo a Safras, a média da rentabilidade do açúcar, desde janeiro de 2008, é 42 por cento acima do etanol. Recentemente, o índice ficou entre 8 e 9 por cento.

Dessa forma, a produção de açúcar deve crescer 2,9 por cento em 14/15, para 35 milhões de toneladas no centro-sul, que responde por cerca de 90 por cento da safra nacional.

A cotação do dólar mais forte no Brasil limita as perdas em reais do açúcar, mas, lembrou o analista, na hora de investir muitas vezes a usina têm gastos na moeda norte-americana, o que acaba apagando o ganho cambial na venda do açúcar.

ETANOL

Já a produção de etanol do centro-sul deve crescer 8,75 por cento, para 28 bilhões de litros, uma vez que no caso do biocombustível há garantia de demanda interna --no acumulado da safra passada, até dezembro, as vendas de etanol cresceram mais de 15 por cento.

"O etanol tem demanda garantida em volume, mas o preço do etanol também é problemático, tem a questão da paridade com a gasolina, o etanol pode custar até 70 por cento, e os preços da gasolina são administrados", disse ele, ressaltando que o "nível de pessimismo da classe empresarial do setor é extremamente alto".

Para o consumidor brasileiro, não vale a pena abastecer o carro com etanol se a relação de preço com a gasolina estiver acima de 70 por cento, uma vez que o combustível fóssil rende mais do que o renovável.

Área de cana se valorizou menos no ano. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/01/2014

O Oeste da Bahia e as áreas de cana-de-açúcar de São Paulo ficaram entre as regiões agrícolas com um dos menores níveis de valorização da terra em 2013 na comparação com 2012. Os preços do açúcar em baixa e a crise do setor sucroalcooleiro contribuíram para que o hectare com cana-de-açúcar (de alta produtividade) em Piracicaba subisse 2%, para R\$ 42 mil entre janeiro e outubro de 2013, dado mais recente disponibilizado pela Informa Economics FNP. Em 2012, o percentual de valorização na comparação com 2011 foi de 11%.

O Oeste da Bahia, há duas safras com problemas climáticos, também registrou alta aquém da vista em anos anteriores. No acumulado de 2013, o hectare nessa região (com 1.500 mm anuais de chuvas) valia R\$ 15,5 mil, 11% de valorização em relação ao ano anterior. Em 2012, os preços médios da terra nessa localidade haviam subido 27% na comparação com 2011, segundo a Informa Economics FNP.

Nas regiões agrícolas tradicionais de Mato Grosso, como Sinop, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde e Sorriso, a terra também se valorizou menos, mas ainda a taxas elevadas. Entre janeiro e outubro de 2013, o hectare nessa região atingiu R\$ 16,5 mil, 27% acima do registrado no ano anterior. Em 2012, a valorização da terra nessas localidades havia sido de 30% em relação a 2011.

Em outras regiões, como no Piauí, a guinada dos preços também não foi tão intensa em 2013, como nos anos anteriores. O diretor técnico da Informa Economics FNP, José Vicente Ferraz, acredita que a questão logística, ainda deficitária nessas localidades, limita novas altas. Na região de Uruçuí, o hectare de alta produtividade, valorizou-se 24% no acumulado de 2013 em relação ao ano anterior. Em 2012, esse percentual havia sido de 46% na comparação com 2011, quando o hectare valia R\$ 5,2 mil.

Na média do país, o preço do hectare subiu 16% entre janeiro e outubro de 2013. Nos 12 meses de 2012, os preços médios aumentaram 20% na comparação com o ano anterior.

BIODIESEL

Agricultores familiares goianos recebem capacitação sobre Selo Combustível Social – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 30/01/2014

Agricultores familiares de quatro municípios de Goiás, integrantes da cadeia produtiva do biodiesel, participam, na sexta-feira (31), de curso de capacitação sobre o Selo Combustível Social. O curso acontece na unidade produtora de biodiesel em Palmeiras de Goiás (GO), com 20 agricultores contratados da empresa dos municípios de Palmeiras de Goiás, Trindade, Indiara e Cezarina.

O treinamento será oferecido pela Minerva SA, empresa que possui, desde fevereiro de 2012, a autorização do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para utilizar o Selo Combustível Social. A capacitação é parte das obrigações das usinas que possuem o Selo Combustível Social. Além desta exigência, as empresas devem adquirir um percentual mínimo de matéria-prima dos agricultores familiares de produção de biodiesel e os serviços de assistência técnica.

O selo também garante condições especiais para as empresas produtoras de biodiesel, como a participação nos leilões públicos promovidos pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Curso

Na capacitação dos agricultores, será demonstrada como funciona a dinâmica do Selo Combustível Social, quais as obrigações e direitos dos agricultores e da empresa, com destaque para o papel do MDA, gestor da concessão. “Espera-se que os participantes possam entender melhor o funcionamento do Programa, tirar as suas dúvidas e, com isso, aumentar seu nível de compreensão sobre o processo”, explica o coordenador do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA, André Machado. Também será realizada palestra técnica sobre a soja e visita à unidade de biodiesel.

A empresa que oferece a capacitação tem atuado na produção de biodiesel desde 2012. A unidade de biodiesel está em Palmeiras de Goiás. Em 2012, firmou contrato direto com 21 agricultores familiares em Goiás e fez um aporte em assistência e capacitação técnica de R\$ 3,3 mil por agricultor. Com as vendas, a receita média por agricultor foi de R\$ 80 mil.

Selo

O Selo Combustível Social integra as ações desenvolvidas pelo MDA para promover a inserção qualificada de agricultores familiares na cadeia de produção do biodiesel. A iniciativa compõe o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), que foi criado pelo Governo Federal, em 2004, para implantar de forma sustentável a produção e o uso do biodiesel, com enfoque na inclusão social e no desenvolvimento regional, com geração de emprego e renda.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

Bunge vende participação em usina de etanol nos EUA. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 03/01/2014

SÃO PAULO - A Bunge North America, uma divisão da Bunge Ltda, vendeu sua participação em uma usina de etanol, no Mississippi, EUA, para a companhia de capital fechado Ergon.

Os termos financeiros da operação não foram divulgados, mas, em nota, a Ergon afirma que a sua subsidiária agora denominada Ergon Biombustíveis passa a ser detentora de 100% das ações da até então joint-venture formada pelas duas empresas, que desde 2007 tinha o nome de Bunge - Ergon Vicksburg.

Ainda segundo a nota, a usina localizada na cidade de Vicksburg tem capacidade de produção anual de 54 milhões de litros de etanol, mas estava desativada desde dezembro de 2012.

“Essa transação vai nos permitir olhar para as matérias-primas alternativas, bem como a planta poderá ser usada para produzir outros produtos além do etanol tradicional”, diz Don Davis, presidente da divisão de refinação e marketing da Ergon. “Também sentimos que a Ergon Biocombustíveis e a Ergon refinaria terão muitas sinergias”.

Importação de etanol dos EUA irrita a indústria do Nordeste. Murillo Camarotto – Valor Econômico, Agronegócios. 08/01/2014

Com bandeira asiática, o navio Sichem Paris deve atracar na próxima quinta-feira no Porto do Itaqui, no Maranhão, trazendo 12 milhões de litros de etanol de milho produzido nos Estados Unidos. Com a demanda de distribuidores de combustível do Nordeste em alta, pelo menos um navio com etanol americano deve chegar à região a cada 45 dias em 2014, segundo estimativas da Alphamar, agência responsável pela contratação. A expectativa é de que entre janeiro e abril devem entrar no país de 80 milhões a 100 milhões de etanol americano, a maior parte pelo porto maranhense, apurou o Valor com fontes do setor.

O Brasil começou a importar etanol dos Estados Unidos em volumes mais significativos em 2011, quando entraram no país 1,16 bilhão de litros. Em 2012, o volume recuou para 553 milhões de litros e em 2013, para 60 milhões, segundo dados da Secex. O etanol importado é do tipo anidro que, no Brasil, é misturado na gasolina na proporção de 25%. O produto desembarca dos Estados Unidos pronto para ser misturado. Segundo um trader de etanol, a produção do Nordeste, mais uma vez frustrada por problemas climáticos, será suficiente para atender em torno de seis meses de consumo da própria região e quase nada dos Estados da região Norte.

Ainda, segundo o mesmo trader, o Centro-Sul, que está agora na entressafra da cana-de-açúcar, tem etanol anidro suficiente para atender a própria demanda e também vem

vendendo produto para a Bahia. "Mas não consegue suprir o déficit em todo o Norte e Nordeste", diz o especialista em comércio de etanol.

No entanto, a importação de biocombustível em plena safra da cana no Nordeste irrita os representantes locais da indústria sucroalcooleira. O presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool de Pernambuco (Sindaçucar), Renato Cunha, classificou a importação como uma operação "esdrúxula", que arrasa uma rentabilidade já bastante comprometida e que aumenta o risco de desemprego no setor.

As críticas ganharam força com a decisão do governo federal, anunciada no fim do ano passado, de isentar de PIS e Cofins as importações de todos os tipos de álcool até o fim de 2016. "É mais uma distorção inexplicável, que fortalece as operações de importação em detrimento da produção nacional. Não faz sentido um país que diminuiu o superávit comercial em 86% entre 2012 e 2013 incentivar um déficit ainda maior com essa desoneração", disse Cunha.

Ao lado de outros representantes do setor, o dirigente se reuniu em novembro passado com a direção da Agência Nacional do Petróleo (ANP) para expor suas preocupações. Conseguiu apenas um compromisso da agência de fiscalizar a qualidade do etanol que vai desembarcar em Itaqui.

O gerente da Alphamar, Arthur Neto, disse que o bom resultado da safra de milho nos Estados Unidos, aliada à demanda elevada no mercado interno, deve garantir que novas cargas de etanol cheguem ao Brasil durante todo o ano. "Planejamos um navio desse porte a cada 45 ou 60 dias", afirmou o executivo. Segundo ele, o combustível vai abastecer os postos do Maranhão e de alguns Estados do Nordeste.

O etanol americano chega ao país em plena safra da região Nordeste, que vai de setembro a fevereiro. Apesar do volume discreto de produção regional (pouco menos de 2 bilhões de litros por safra), o etanol nordestino costuma abastecer não somente o mercado local, mas também outras regiões do país. "Defendemos que essa importação seja proibida nesse período", argumenta Cunha.

Pioneiro de outrora, o Nordeste representa hoje menos de 10% do setor sucroalcooleiro nacional. Está prevista para a safra 2013/2014 a moagem de 54 milhões de toneladas de cana na região, queda de 10% em relação à safra anterior, recuo motivado basicamente pela seca que afligiu o Nordeste nos últimos dois anos. A produção nacional está estimada em 640 milhões de toneladas na atual safra.

No ano passado, os produtores do Nordeste conseguiram uma subvenção do governo federal no valor de R\$ 12 por tonelada (limitado a 10 mil toneladas por produtor) por conta dos prejuízos causados pela seca. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) informou ontem que a subvenção vai continuar em 2014, quando devem ser desembolsados R\$ 109 milhões.

Estoques de etanol dos EUA estão no nível mais alto desde setembro. Cezary Podkul – O Estado de São Paulo, Economia. 08/01/2014

NOVA YORK, 8 JAN - Os estoques de etanol dos Estados Unidos atingiram na semana passada seu nível mais alto desde meados de setembro, de acordo com dados divulgados nesta quarta-feira pela AIE, órgão de energia do governo norte-americano.

O volume registrado foi de 16,1 milhões de barris na semana encerrada em 3 de janeiro, disse a AIE.

Esse é o nível mais alto desde 13 de setembro, quando a agência registrou uma leitura de cerca de 16,2 milhões de barris.

A oferta de etanol na Costa Leste do país, no entanto, permanece apertada, com 4,9 milhões de barris em estoque em 3 de janeiro.

Isso é um pouco acima dos 4,8 milhões de barris na semana encerrada em 29 de novembro, uma mínima de quatro anos.

Unica envia carta à EPA questionando proposta sobre biocombustíveis. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 29/01/2014

SÃO PAULO - A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), entidade que representa as usinas do Centro-Sul do Brasil, enviou hoje uma carta oficial à Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, na sigla em inglês), questionando a proposta de redução no volume de biocombustíveis avançados consumidos anualmente naquele país em cerca de 40%.

No documento, a Unica afirma que considera “desnecessária e injustificada” a redução do mandato americano. “A Unica acredita que a redução é um retrocesso significativo, que inverte o progresso que vem sendo feito com o aumento da utilização de biocombustíveis renováveis eficientes, com baixas emissões de gases de efeito estufa”.

Segundo a entidade brasileira, a proposta da EPA favorece o uso de combustíveis fósseis, “contrariando os objetivos da Lei do Ar Limpo e o Plano de Ação Climática, lançados em junho de 2013 pelo presidente Barack Obama.”

A proposta da EPA, anunciada em novembro de 2013, faz parte de uma série de ajustes propostos pela agência para o RFS (Renewable Fuel Standard), lei que define os volumes de produção e uso de biocombustíveis no país. O período de comentários públicos sobre a proposta termina no dia 28 deste mês e a EPA deve anunciar sua decisão final sobre os volumes a serem adotados até a metade deste ano.

Segundo dados da Unica, em 2013 foram consumidos no mercado americano cerca de 3 bilhões de galões (11,3 bilhões de litros) de combustíveis renováveis avançados, principalmente etanol de cana-de-açúcar e biodiesel. “Agora, sob pressão

principalmente da indústria do petróleo, a EPA quer restringir este volume a 2,2 bilhões de galões (8,3 bilhões de litros) em 2014”, afirmou a Unica no documento oficial.

Para a Unica, a proposta trará uma redução nos investimentos em biocombustíveis avançados por parte dos produtores e também causará danos ambientais pela diminuição do uso de combustíveis limpos, levando a um aumento das emissões.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa